

Artigos Publicação Contínua

Muralhas do exílio: uma análise comparativa entre o anime *Attack on Titan* e o conflito Israel-Palestina sob as lentes do necrobiopoder

Walls of exile: a comparative analysis between the anime *Attack on Titan* and the Israel–Palestine conflict through the lens of necrobiopower

Kauã José da Silva Araújo¹ 
Rita de Cássia Souza Tabosa Freitas¹ 

¹Universidade de Pernambuco , Recife, PE, Brasil

Resumo

Este artigo consiste na identificação dos paralelos entre os mecanismos diacrônicos de segregação, memoricídio e limpeza étnica presentes na narrativa ficcional do anime *Attack on Titan* e no conflito histórico vivenciado pelo povo palestino. O objetivo geral da pesquisa consiste em entender como a obra *Attack on Titan* nos ajuda a compreender o Necrobiopoder presente no conflito entre Israel e Palestina. A metodologia adotada é qualitativa, de caráter bibliográfico e documental conforme, fundamentada na análise de conteúdo de Bardin (2016) e no método dialético, sob uma perspectiva decolonial e pós-estruturalista. O estudo é desenvolvido a partir da análise de três pilares que constituem o fenômeno em ambos os contextos: o fascismo, o racismo e o fundamentalismo religioso. Os resultados apontam que tanto as muralhas da Ilha de Paradis no anime quanto os muros impostos à Palestina operam como dispositivos de Necrobiopoder, sustentados pelo medo e pela desumanização do “outro”, revelando formas de governabilidade baseadas no estado de exceção e na manutenção da vida através da morte.

Palavras-chave: *Attack on Titan*; Israel-Palestina; Desumanização; Memoricídio

ABSTRACT

This article identifies parallels between the diachronic mechanisms of segregation, memoricide and ethnic cleansing present in the fictional narrative of the anime *Attack on Titan* and in the historical conflict experienced by the Palestinian people. Accordingly, the general objective of this research is to understand how *Attack on Titan* helps elucidate the operation of Necrobiopower within the Israeli-Palestine conflict. To this end, the methodology adopted is qualitative, with a bibliographic and documentary approach, grounded in content analysis in Bardin (2016) and the dialectical method, under a decolonial and post-structuralist perspective. Finally, the study is developed through the analysis of three core pillars that structure the phenomenon in both the real and fictional contexts: fascism, racism, and religious fundamentalism. The results indicate that both the walls of Paradis Island in the anime and the walls imposed on Palestine operate as devices of Necrobiopower, sustained by fear and the dehumanization of the “other,” revealing forms of governance based on the state of exception and the maintenance of life through death.

Keywords: *Attack on Titan*; Israel–Palestine; Dehumanization; Memoricide

INTRODUÇÃO

Esse artigo faz uma análise comparativa da narrativa ficcional apresentada pela obra *Attack on Titan* em paralelo com a expulsão do povo palestino provocada desde 1948 pelo Estado de Israel em um conflito que perdura até os dias atuais. O conflito contínuo entre Israel e Palestina, para além de uma disputa territorial e confronto de soberanias, reflete um racismo enraizado em séculos de história (Peled-Elhanan, 2018). Por isso, esse contexto transcende as fronteiras geográficas e políticas, ecoando sobre a produção das narrativas culturais do Estado Israelense, que os utiliza para justificar seus atos de opressão contra o povo palestino.

A instrumentalização das memórias de dor trazidas pelo antissemitismo nazista, é utilizada pelo colonialismo sionista como forma de legitimação para seus atos. É isso que sustenta Finkelstein (2001), ao citar que a exploração do sofrimento judeu é uma das bases responsáveis pelo genocídio do povo palestino, sob a justificativa de proteção e liberdade do povo israelense. Nesse contexto, o anime de ficção científica pós-apocalíptica *Attack on Titan*, criada por Hajime Isayama, emerge como uma fonte pertinente para explorar as dinâmicas de poder e violência presentes não apenas na trama fictícia, mas também na realidade.

A diegese de *Attack on Titan* se passa em um mundo onde a humanidade vive enclausurada dentro de enormes muralhas para se proteger de titãs, criaturas gigantes que devoram humanos. Diante disso, o universo estabelecido mostra como os modos de existências exilados produzem processos de subjetivação normatizados por meio de estratégias de disciplina e controle dos corpos. Portanto, essa pesquisa visa realizar um paralelo narrativo de contraposição entre duas nações, dois povos, duas crenças e duas dimensões.

Por isso, há de se instigar padrões dicotômicos provocativos que exigem uma espécie de licença poética acadêmica (Ayoub, 2014). Para a autora, esse artifício não é uma permissão para escrever de forma deliberada, mas sim uma postura ético-estética que rompe com a rigidez da fictícia neutralidade acadêmica. Essa postura incorpora recursos literários (como metáforas, imagens, fragmentos e poemas), mantendo o rigor conceitual e a responsabilidade argumentativa, envolta em uma escrita mais viva e sensível. Decorrente disso, a reflexão desse artigo faz parte do intuito artístico e reflexivo de instigar questionamentos e mobilizar o imaginário através da dialética entre o ficcional e o factual. Através disso, as discussões trazidas provocam a cognoscibilidade subjetiva na interpretação de signos e na construção de sentidos, criando uma intersecção epistemológica entre Direito e Arte.

Afinal, toda produção cultural carrega um “produto da experiência em sociedade, portanto, a ficção habita a realidade” (Coutinho; Nascimento, 2019, p. 197). Isso significa que toda a produção cultural humana é construída sobre as particularidades inerentes à realidade e à vivência do homem, sendo assim, há de ser ideológica e possuir discurso político. Diante disso, entende-se a importância de trazer esse tipo de objeto de estudo para a discussão acadêmica, pois as distopias são elaboradas a partir da realidade ou a representação daquilo que é entendido como real na percepção humana. No mesmo sentido, o que é compreendido como real pode ser alterado pelo discurso ficcional numa relação dialética e, por isso, sendo passível de análise científica.

Ao compreender que as produções midiáticas são interinfluenciadas pelas estruturas sociais em que estão inseridas, chegamos ao problema de pesquisa: Como a obra *Attack on Titan* nos ajuda a entender o Necrobiopoder presente no conflito entre Israel e Palestina? Esta pergunta é colocada, pois o conceito de Necrobiopoder, elaborado por Berenice Bento (2018), mostra-se central tanto à tragédia vivenciada pelos palestinos quanto à diegese da animação japonesa. Sobretudo, quando esta última aborda, em sua trama principal, o conflito entre dois povos: eldianos e marleyanos.

Ao explorar as interseções entre *Attack on Titan* e o conflito Israel-Palestina, buscamos compreender, enquanto objetivos específicos da pesquisa: 1) analisar sob quais aspectos a trama de *Attack on Titan* se assemelha ao conflito entre Israel e Palestina; 2) demonstrar como o movimento sionista se apresenta como uma ideologia racial de dominação e utiliza a posição de “vítima absoluta” para replicar atos de genocídio étnico contra o povo palestino; 3) entender de que modo o conceito de Necrobiopoder se relaciona com os conflitos da ficção e da realidade abordados. Por fim, tudo isso é desenvolvido pela análise de três pilares que constituem o fenômeno presente em ambos os contextos: o fascismo, o racismo e o fundamentalismo religioso.

Diante disso, a pesquisa emprega em seu método a análise de conteúdo (Bardin, 2016) entre as bases teóricas que propõem a interseção entre o anime *Attack on Titan* e o conflito vivenciado pela Palestina e Israel. Nesse sentido, a pesquisa adota um método dialético (Marconi; Lakatos, 2017) que permite analisar as perspectivas ficcionais e da realidade através de uma interação recíproca, baseada numa visão holística do contexto que os transpõe sem isolá-los.

Isto pois, como colocado por Baldessin (2006, p. 82), “a ficção científica reflete a face catastrófica da realidade, como um ‘aviso’ ou ‘alerta’ para o homem do presente”. A perspectiva do autor levanta uma questão interessante sobre toda produção cultural humana e a vida cotidiana influenciarem um ao outro. Com isso, demonstra-se a natureza fluida e em constante evolução tanto dos objetos discursivos quanto

dos sujeitos que os produzem, sendo capazes de conformar-se à lógica estrutural dominante ou mesmo de alterá-la.

Ademais, o artigo apresenta natureza experimental em razão de seus objetivos ainda pouco explorados no âmbito acadêmico e utiliza uma abordagem qualitativa, contemplada pela aplicação de conhecimentos teóricos e empíricos (Zanella, 2013). Somado a isso, as informações obtidas foram examinadas mediante as perspectivas decoloniais e pós-estruturalistas, com base nos autores trazidos no referencial teórico. Portanto, como embasamento teórico, faz-se necessário recorrer às contribuições de intelectuais árabes como Edward Said (2007) e Nur Marsalha (2021), ou mesmo autores politicamente engajados ao antissionismo como Ilan Pappé (2022), Norman Finkelstein (2001) e Berenice Bento (2018).

Além disso, a técnica de coleta de dados se deu procedimentalmente do tipo bibliográfica e documental. Quanto ao caráter bibliográfico da pesquisa, foi essencial empregá-la para explorar a temática através da análise de livros, artigos e outros materiais publicados, tanto em formato físico quanto digital (Gil, 2010). Já no que se refere ao caráter documental, evidencia-se a importância de utilizá-lo para o manuseio e análise da obra *"Attack on Titan"* em seu formato audiovisual, ou seja, a adaptação homônima da história em quadrinhos criada por Hajime Isayama.

No que diz respeito à operacionalização da análise de conteúdo (Bardin, 2016), o corpus documental foi constituído pela totalidade das quatro temporadas do anime (2013-2023, 94 episódios), e não por um recorte episódico isolado; uma vez que os três pilares analisados (fascismo, racismo e fundamentalismo religioso) atravessam a diegese de forma progressiva, intensificando-se do início ao desfecho da obra. Na fase de pré-análise, procedeu-se a uma leitura flutuante de todo o material audiovisual, com a marcação de unidades de registro (falas, cenas, símbolos visuais, letras de abertura) que remetessem, direta ou indiretamente, aos três eixos temáticos definidos.

A análise, *a priori*, partiu de um referencial teórico majoritariamente árabe ou antissionista, de natureza histórica, sociológica e filosófica, que dialogasse com a

discussão da biopolítica em Foucault (1999; 2014), Mbembe (2011) e Bento (2018). Na etapa de exploração do material, essas unidades foram agrupadas nas três categorias mencionadas, que estruturam, respectivamente, as seções 2, 3 e 4 deste artigo. Por fim, na fase de tratamento dos resultados, as cenas com maior potencial ilustrativo para cada categoria foram selecionadas e postas em diálogo com fontes documentais e bibliográficas sobre o conflito Israel-Palestina. Foi incluído também a leitura de relatórios de organismos internacionais de direitos humanos, de modo a equilibrar densidade descritiva e densidade analítica ao longo do texto.

“OFEREÇAM SEUS CORAÇÕES”: O FASCISMO COMO CLÁUSULA DAS ASAS DA LIBERDADE

Após anos de sucessivos ataques de Israel contra a Palestina, Pappé (2022) conta que foi somente durante o período da Segunda Intifada que Israel inaugura seus novos métodos de opressão. Entre eles estão a construção de muros, bloqueios nas estradas e outras restrições à movimentação palestina, bem como operações militares contra civis, ataques a infraestruturas essenciais à sobrevivência da população (causando escassez de recursos) e execuções seletivas.

É dentro desse contexto que ocorre a construção de muros na Cisjordânia. A barreira situada na região do Levante Islâmico (Al Mashrik) teve seu início em 2002. Essa estrutura representa uma extensão da linha de armistício, traçada para delimitar as fronteiras entre Israel e os territórios palestinos após a Guerra Árabe-israelense de 1948. Israel justifica sua construção como uma medida defensiva contra possíveis ataques terroristas palestinos, atribuídos principalmente ao Hamas.

Os muros da Cisjordânia adquirem um papel decisivo na conjuntura do conflito entre Israel e Palestina, pois é aqui onde os vetores da colonização, do racismo, da xenofobia, do neofascismo – e da biopolítica como um todo – tomam forma física. Os muros simbolizam de forma trágica as contradições da globalização e revelam o lado obscuro do neoparadigma global. Trata-se de instrumentos de governabilidade que

servem como mecanismos de controle fronteiriço e exclusão, afetando diretamente o princípio de soberania e autodeterminação desses povos e exercendo controle sobre suas vidas (Viciconto, 2021). As muralhas revelam o mecanismo do (necro)biopoder que disciplina os corpos com uma falsa garantia de segurança.

Esse “monstro pós-moderno” – no sentido de sensacionalismo do perigo ficcional – é categoricamente representado no contexto distópico da obra *“Attack on Titan”* ao apresentar em seu enredo um mundo onde os muros transpassam as barreiras físicas do exílio. Na obra, as muralhas atingem dimensões simbólicas, através de concretos que segregam o eu do outro, o humano do monstruoso, as vidas que importam e os corpos abjetos, baseando-se numa retórica de segurança. Esse processo de apartheid e dominação, que também se apresenta na realidade da *Nakba*^I palestina, é o alicerce das “Muralhas do Exílio”, um mecanismo que garante o monopólio legítimo da violência de um Estado.

Attack on Titan^{II} é uma obra criada por Hajime Isayama e inicialmente publicada no formato de mangá^{III} em 2009 no Japão pela revista Bessatsu Shōnen Magazine da editora Kodansha. A publicação no Brasil ocorreu em 2013, licenciada pela editora Panini Comics e traduzida com o nome de “Ataque dos Titãs”, contudo há divergências que apontam que a tradução correta seria “Titã de Ataque”. A obra atingiu a posição de best-seller, tornando-se o segundo mangá mais vendido no Japão entre 2013 e 2018 (Guimarães, 2018).

Devido ao seu enorme sucesso, o mangá foi adaptado para o formato animado a partir de 2013, ganhando ainda mais reconhecimento mundial. Optou-se por utilizar na análise, principalmente, a versão audiovisual da obra, uma adaptação direta do mangá que mantém fielmente todos os personagens, enredos e diálogos originais e, por isso, não oferece prejuízo à análise da obra como um todo.

O universo de *Attack on Titan* (AOT) é uma distopia que utiliza temas da fantasia e

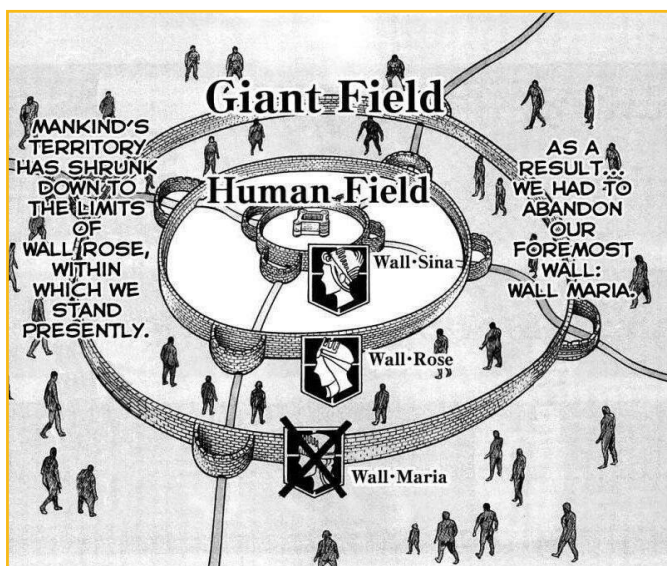
^I O termo em árabe significa “catástrofe” e é utilizado para se referir ao marco inicial do trágico processo de expulsão do povo palestino de seu território desde 1948.

^{II} Título 進撃 no original, Shingeki no Kyojin.

^{III} Nome dado às histórias em quadrinhos japonesas, caracterizadas por um estilo artístico próprio e leitura no sentido oriental (da direita para a esquerda).

da ficção científica pós-apocalíptica para narrar uma cadeia reprodutiva de genocídio, ódio e vingança geracional entre dois povos eldianos e marleyanos. A diegese apresenta uma sociedade humana (análoga ao sistema feudal) confinada dentro de três enormes muralhas concêntricas, chamadas em ordem decrescente de Muralha Maria, Muralha Rose e Muralha Sina. A mais externa (Muralha Maria) teria uma circunferência de aproximadamente 3.014 km. Essas muralhas foram construídas para proteger a humanidade contra os titãs, criaturas gigantescas cujo único propósito instintivo é devorar seres humanos; a civilização vive, assim, em isolamento total, acreditando ser a única sobrevivente da humanidade.

Figura 1 – Divisão territorial das muralhas



Fonte: *Attack on Titan*, Capítulo 2 (Isayama, 2012)

Os semicírculos acoplados nas muralhas são conhecidos como distritos, estrategicamente concentrados para facilitar a defesa contra os titãs, que são atraídos por grandes concentrações de pessoas. Diferentemente do restante da estrutura muralhada, esses espaços avançam para fora das muralhas, formando pontos de contato mais expostos ao território ocupado pelos Titãs. Essa organização pode ser compreendida a partir de uma lógica de defesa por contenção. Ou seja, caso um distrito seja atacado, as forças militares podem concentrar seus recursos naquele setor e,

em determinadas circunstâncias, permitir que a população recue para as áreas mais internas da muralha.

A estrutura, portanto, não serve apenas para proteger os habitantes, mas também para organizar espacialmente o risco e tornar o inimigo previsível. Por isso, a comparação com o confito real torna-se particularmente relevante quando se observa que o controle exercido em ambos não depende exclusivamente da presença militar direta, mas também da organização física e administrativa da circulação. Nesse sentido, a própria distribuição dos distritos entre as muralhas do anime revela a mesma estratégia do isolamento na Cisjordânia e a Faixa de Gaza: uma espacialização da segurança que produz, simultaneamente, proteção para determinados grupos e exposição, isolamento ou vulnerabilidade para outros.

Os titãs comuns ou puros são criaturas humanoides gigantes e sem consciência, com altura entre 3 e 15 metros, de aparência grotescamente humana. Possuem proporções desiguais, ausência de genitália, pele parcial ou ausente e expressões faciais fixas e desumanizadas (*Attack on Titan*, 2013). O terror instaurado pelos titãs conduz os indivíduos a renunciarem voluntariamente a parcela de sua liberdade em troca da promessa de segurança conferida pelo rei, autoridade absoluta de suas vidas (*Attack on Titan*, 2013). O que desencadeia uma cultura de “Culto às Muralhas”, isto é, um dogmatismo sincrético que sacraliza as muralhas como algo inescrutável e divino.

A sacralização das muralhas reforça o poder da monarquia e reprime o pensamento divergente, produzindo um isolamento ideológico próximo da ideia de purificação pelo confinamento, em que o externo é demonizado e o interno purificado. A população que vive dentro das muralhas acredita estar protegida daquilo que considera ameaçador, sem perceber as estruturas ideológicas que a confinam e condicionam. Essa situação, embora distópica, se assemelha à realidade:

A vida em forma de condomínio, murada, vigiada e atormentada pela violência potencial intrasseccional [...] está começando a ter sua legitimidade questionada, com o desmascaramento do discurso da segurança. Por isso, a situação Israel-Palestina é um paradigma para tratar conflitos no mundo

reorganizado pelo capitalismo em chave neoliberal, assim como Auschwitz é um paradigma para pensar processos de segregação (Dunker, 2021).

Por isso, é possível perceber que a ideia de liberdade é um elemento central na trama, ambientada inicialmente na Ilha de Paradis, sociedade de povos chamados “eldianos”. Essa civilização é organizada em moldes semelhantes ao medievo europeu, com monarquia, religião institucionalizada e forças militares divididas em três ramos: Divisão de Guarnição, Polícia Militar e Divisão de Reconhecimento^{IV}.

O clímax da diegese ocorre no ano 850, quando o Titã Colossal rompe o portão da Muralha Maria e o Titã Blindado invade a Muralha de Trost, dando início à *Nakba* dos eldianos. É nesse evento que o protagonista Eren Yeager, aos dez anos de idade, presencia a morte da mãe, devorada por um titã comum, e é obrigado, junto de Armin Arlert e Mikasa Ackerman, a se deslocar para o interior da Muralha Rose. Mais do que um evento de enredo, essa cena estabelece o padrão estrutural que a obra repetirá ao longo de toda a narrativa: a dor individual é convertida em matriz afetiva de um desejo coletivo de extermínio do inimigo. Esse é um mecanismo análogo ao que Pappé (2022) descreve como a instrumentalização do trauma histórico na construção da narrativa sionista de vitimização absoluta.

Na obra, a morte é reiteradamente construída como ato de glória, articulada por uma estética narrativa marcada por elementos do fascismo e do militarismo, centrais a partir do ingresso de Eren, Mikasa e Armin na Divisão de Reconhecimento. Esse ingresso é permeado por discursos de exaltação ao heroísmo, glorificação de um passado idealizado a ser retomado mesmo à custa de sacrifícios, e culto à obediência absoluta – expresso tanto na saudação militar “*Shinzo wo Sasageyo*”^V quanto na ideologia do sacrifício total pelo suposto bem da humanidade.

Tal lógica revela um processo sistemático de doutrinação ultranacionalista, no qual a subjetividade dos indivíduos é anulada para a produção de corpos obedientes, aproximando-se da noção foucaultiana de “docilização dos corpos”. A abertura da

^{IV} A Divisão de Reconhecimento é a única tropa que realiza expedições para fora das muralhas e ocupa a linha de frente em confrontos diretos com os titãs em caso de invasão.

^V Em português: Ofereçam seus corações.

segunda temporada do anime, a canção *Shinzou wo Sasageyo!* (Linked Horizon, 2017), é emblemática nesse sentido:

[...] O sinal de que o dia mais sombrio da humanidade chegaria era como um pesadelo. Aqueles que desafiam nossos esforços; são inimigos que devemos exterminar; que expressões e olhares eles tinham naquele dia, enquanto nos olhavam? [...] Estará disposto a sacrificar tudo para vencer esses demônios? Leve nossas vidas, leve nossas almas; não nos importamos. Ofereçam! Ofereçam! Ofereçam seus corações! Todos os sacrifícios; foram por este momento! (*Attack on Titan*, 2017, ep. 2, 01min24s)

A frase “Ofereçam seus corações” materializa o simbolismo por trás das “Asas da Liberdade” (insígnia da Divisão de Reconhecimento) e reforça a ideia de que a liberdade exige sacrifício, ou que a paz exige guerra. A guerra é sempre representada como resposta racional a uma ameaça irracional, motivada pelo ódio e legitimada por valores morais; não há conciliação com a diferença, pois a diferença se configura como ameaça.

Para os moradores de Paradis, na dicotomia Humanos contra Titãs, o inimigo é sempre cruel, desumano, e está acerca, colocando suas vidas em perigo. De forma análoga, no conflito Israel-Palestina, o discurso do sacrifício em nome da liberdade, segurança e legítima defesa também é recorrente. A desumanização do inimigo é elemento central para legitimar a guerra por valores morais e históricos, tornando a violência o único meio necessário para garantir sobrevivência, identidade e paz futura. O fascismo dialoga, assim, com a governabilidade do Estado de Israel (e sua ideologia sionista) na medida em que se manifesta por políticas belicistas, ultranacionalistas e fortemente ancoradas no fundamentalismo religioso.

Essa “racionalidade política” constrói uma lógica de segurança absoluta que legitima o triunfalismo, a militarização permanente (no sentido de proteção) e a abjeção do “outro”, convertido em inimigo existencial. A invocação da posição de vítima absoluta, fundada na memória histórica do sofrimento judaico, opera como álibi moral e político para a violência sistemática contra aqueles definidos como

ameaça, suspendendo qualquer responsabilização ética. A nação é concebida, assim, como corpo homogêneo superior a ser protegido a qualquer custo, enquanto a religião sacraliza o território e a violência estatal, normalizando políticas de exceção que transformam a morte em instrumento legítimo de governabilidade em nome da segurança.

A “TITÃNIZAÇÃO” DO CORPO-MÁQUINA: RACISMO E DESUMANIZAÇÃO ÉTNICA COMO ENGRENAGEM DO NECROBIOPODER

A política de aversão aos titãs, cultivada pelo ambiente militar, converge com os ideais hostis de Eren que, após a morte da mãe, passa a cultivar o ódio como motivação central – diga-se vingança: “O único jeito de ganhar é lutando, se lutarmos vamos vencer [...] nesse mundo cruel, apenas os fortes podem viver” (*Attack on Titan*, 2013, ep. 6, 18min02s). Essa dualidade de sobrevivência, baseada em matar para que alguém viva, é o motor de toda a dinâmica narrativa da obra.

A experiência precoce do horror transforma Eren em sujeito movido por pulsões de ódio e pela necessidade de eliminar os titãs, o “inimigo absoluto” inicial da humanidade. Isso pois, o protagonista acredita que somente num mundo sem titãs haveria paz e liberdade. Esse cenário se rompe com a revelação de que o próprio protagonista possui poderes de se transformar em titã (o Titã de Ataque), o que instaura um dispositivo simbólico de tensão entre herói e vilão, vítima e agressor, humanidade e titãs, o eu e o outro. Após Eren incorporar também o (não) lugar da dissidência, sua imagem transitava nesse interstício existencial entre a vida vivível e a vida matável, pois ele próprio se torna uma ameaça para a sociedade.

Esse simbolismo de desumanização é muito bem representado pelo signo dos titãs. A ausência de linguagem e de consciência moral reflete a dissolução do interstício existencial do ser^{VI} humano, criando uma “zona de estranheza” através do

^{VI} Signos que estruturam os parâmetros normativos fundamentais pelos quais se estabelece a condição humana.

espelho distorcido da humanidade (Fanon, 2008). Assim, os titãs operam como figuras liminares, situadas entre o humano e o inumano, produzindo uma tensão ontológica que reforça o sentimento de vulnerabilidade coletiva e sustenta a lógica de organização social dentro das muralhas.

Esse mesmo fenômeno atinge os árabes palestinos. A mídia pró-Israel, ao retratar de forma generalizada as vítimas palestinas como ‘terroristas’, desumaniza-as, justifica os ataques sofridos e nega seu sofrimento (Elmasry, 2024). A subjetivização colonizadora reduz certos corpos à condição de pura ameaça, negando-lhes autonomia política e capacidade simbólica. Tanto os titãs quanto os palestinos desafiam, assim, as fronteiras da humanidade impostas sobre vozes dissidentes silenciadas. No caso de Eren, contudo, seu poder é apropriado pelas forças militares de Paradis para revidar ao inimigo, criando uma exceção jurídica que permite matar, controlar ou instrumentalizar um ser que escapa à norma (Agamben, 2013). Este é um mecanismo análogo ao utilizado nas distorções legais da Alemanha nazista contra os judeus, e observável também nas políticas sionistas que legitimam a eliminação do povo palestino.

Essa lógica se materializa na narrativa quando líderes militares, em defesa de Eren, utilizam a retórica de seu poder como resposta legítima ao inimigo. O próprio Eren reflete:

Em algum momento, comecei a me achar especial. Por causa disso, quando outros soldados morreram por minha causa, eu aceitei como algo natural. O mesmo vale para os meus poderes de Titã. Eu odiava Titãs mais que tudo, mas quando me tornava um eu não pensava em nada disso. Eu queria acreditar que a força era minha... é exatamente como um fracote pensa (*Attack on Titan*, 2019, ep. 9, 10min24s).

A decisão de utilizar Eren como arma reflete a concessão das vidas ao Estado dentro da biopolítica: o valor da sua vida, como o de todos os titãs, é medido apenas por sua utilidade ao sistema de poder. Essa lógica fica evidente com a descoberta de que os “titãs especiais”^{VII} (Colossal, Blindado, Fêmea) são, na verdade, humanos

^{VII} Titãs que além das características físicas incomuns pareciam ter ações planejadas e possuir uma racionalidade.

com poderes de se transformar em titã. Somado a isso, revela-se que todos os titãs comuns são, na verdade, eldianos^{VIII} vítimas de um «castigo» imposto por uma nação inimiga (Marley). Portanto o verdadeiro inimigo deixa de ser o titã enquanto figura monstruosa e passa a ser a estrutura política que o produz. Essa revelação inverte a lógica da ameaça, pois o verdadeiro inimigo não são os titãs, mas a estrutura inimiga (marleyana) por trás deles, que os controla.

Isto é, o problema não está no corpo transformado, mas no sistema que o transforma em arma e em bode expiatório. Marley constrói, contra o povo eldiano, um mecanismo de extermínio sustentado por três pilares: o racismo, que hierarquiza os eldianos como sub-humanos; o fundamentalismo religioso, que sacraliza essa hierarquia como desígnio divino; e o ultranacionalismo belicista, que transforma a eliminação do outro em dever patriótico. Esse mesmo mecanismo pode ser identificado no conflito Israel-Palestina, visto que, em ambos os casos, a engrenagem central é a marginalização e a desumanização sistemática do outro.

Sobre isso, Berenice Bento (2018) aponta a existência de um interstício existencial ocupado por corpos que não se ajustam ao padrão convencional de “humanidade”, definidos dialeticamente em oposição a um “outro” normativo. Portanto, os corpos tidos como patológicos, improdutivos ou ameaçadores são destituídos da humanidade e do corpo social, tornando-se alvos de políticas de abandono, repressão ou eliminação.

A biopolítica representa uma inflexão nos modos de exercício do poder. Ela ultrapassa a anatomopolítica do corpo individual – centrada na docilização dos sujeitos – para instaurar uma tecnologia política voltada à administração da vida. Esse controle é exercido em escala populacional, articulando disciplina e regulação por meio de vetores estatais como saúde, educação e segurança. Contudo, Foucault (1999) mostra que essa mesma lógica de administração da vida produz, em seu reverso, uma tanatopolítica, ou seja, a determinação de que certos corpos não merecem proteção, mas abandono ou morte. Diante disso, destaca Mbembe (2011) que esse controle

^{VIII} Cabe mencionar que os eldianos transformados em monstros irracionais (titãs comuns) são principalmente os eldianos “rebelde” e revolucionários que vivem em Marley. Mostra-se que antes desse castigo, eles faziam parte de um movimento Restauracionista que será desenvolvido no tópico seguinte.

não se restringe ao campo político, infiltrando-se também nas formas culturais de produção e consumo. Essa noção reforça que a ficção é, em diversos casos, extensão simbólica da própria realidade vivida.

Diante disso, Mbembe (2011) define a necropolítica como o poder do Estado de decidir quem deve viver e quem pode morrer. Em sua perspectiva, para além de um simples “deixar morrer”, o Estado é o próprio responsável por provocar essas mortes, assumindo papel soberano ao determinar quais vidas são dignas de ser vividas e quais são descartáveis. Por isso, a experiência colonial promovida por Israel serve de referência para Mbembe, que identifica na ocupação da Palestina a manifestação mais extrema do necropoder na contemporaneidade. Para o filósofo, o Estado colonial sustenta sua busca por soberania e legitimidade por meio da criação de uma narrativa própria, que forja tanto sua história quanto sua identidade nacional. Sobre isso, Bento (2018, p. 7) complementa:

Eu estou de acordo com as análises de Mbembe sobre o colonialismo israelense e as novas formas tecnoburocráticas de matar, mas faltou ele girar a moeda, apontar que o Estado de Israel só existe, sua população só habita um território, porque houve um momento anterior e contínuo de negação (por meio da limpeza étnica) da existência da população nativa. [...] Assim, não é possível interpretar Israel sem a Palestina e, tampouco, as condições existenciais trágicas do povo palestino sem fazer referência a Israel.

Sendo assim, o conceito de Necrobiopoder, proposto por Bento (2018), é formulado a partir de Foucault e Mbembe, mas avança sobre ambos. A autora sustenta que, para além das lógicas de “fazer viver e deixar morrer” ou “fazer viver e fazer morrer”, o Estado possui um mecanismo diacrônico de “matar para fazer viver”, garantindo a vida de alguns justamente por deter o poder de matar. Ao superar a noção de “vidas nuas” em Agamben (2013), Bento afirma que, nesse caso, a vida não é apenas destituída de personificação, mas também significada pela figura de um corpo perigoso e ameaçador, inconciliável.

Assim, o Necrobiopoder revela uma lógica em que matar torna-se necessário

para se fazer viver – daí a ordem dos termos no conceito, com “necro” precedendo “bio” –, pois a manutenção do poder estatal depende da constante negação da existência de certos grupos sociais. A estrutura do Estado ergue-se necessariamente sobre uma pilha de corpos abjetos. É assim que ele demonstra soberania. Assim, eventos históricos marcados pela dominação, violência e extermínio de populações (como processos de colonização) tornam-se elementos centrais na formação da sociedade e da cultura política de um Estado. Em síntese, a formulação de um Estado-nação está inevitavelmente alicerçada sobre a exclusão e a eliminação sistemática de corpos considerados “matáveis”^{ix}.

Esse mecanismo é categoricamente representado no anime através das políticas de Marley, evidenciadas no diário de Grisha Yeager, pai de Eren. Grisha nasceu no gueto eldiano de Liberio, distrito de concentração em Marley que contém uma zona de internamento segregada do resto da cidade por um grande muro. Ali, os eldianos (também chamados de “Súditos de Ymir”) são tratados como seres de “sangue impuro”, obrigados a viver de forma subalterna, sob a acusação de portarem uma descendência demoníaca capaz de se transformar em monstros que ameaçam a humanidade.

Ao decorrer da 3ª temporada da animação, há o desenvolvimento de um subtexto com extrema pertinência: o aparecimento do diário de Grisha. Nesse livro ele relata a brutalidade da discriminação racial vivida na infância no momento que sua irmã Faye foi morta por soldados marleyanos após os dois saírem do perímetro autorizado. Ele foi espancado pelos policiais; ela foi levada por um guarda e encontrada no dia seguinte, à beira de um rio, evorada por cães. Essa cena revela ao público um dispositivo de governamentalidade marleyana: a doutrinação ideológica como política educativa.

Esse fenômeno é apontado por Foucault (2014) como uma ocupação simbólica da subjetividade por discursos dominantes. Por isso, uma das técnicas de poder exercidas pela biopolítica seria, para além da colonização geopolítica, realizar a

^{ix} Essa estrutura revela um processo de opressão que não atinge apenas os povos árabes, mas também pessoas pretas, indígenas, comunidades tradicionais, população LGBTQIAPN+, as mulheres e demais grupos vítimas da subalternidade.

também a “colonização do imaginário” como forma de disciplinar os corpos. Sobre isso, dentro do contexto Israel-Palestina, Nurit Peled-Elhanan (2018, p. 26) também complementa que *“este tipo de material didático sigue siendo una poderosa herramienta a través de la cual el Estado configura formas de percepción, categorización, interpretación y memoria que sirven para determinar las identidades personales y nacionales”^x*.

Isso fica explícito quando os guardas levam Grisha de volta para casa e um deles diz a seu pai: “Parece que seu filho não entende o que significa ser um de sua linhagem. Você tem ensinado a ele sobre os males cometidos por seus ancestrais, não é? Se isso não for o suficiente, então coloque uma coleira nele” (Attack on Titan, 2019, ep. 20, 02min59s). A cena demonstra o poder disciplinar da violência física e simbólica, que molda os indivíduos a ponto de eles próprios se policiarem, se culparem e se punirem, acreditando merecer o sofrimento.

Essa violência dispensa a coerção física direta, pois o sujeito já está capturado pelas linhas de poder estatais. Frantz Fanon (2008) descreve esse processo como alienação e culpa do oprimido, isto é, o colonizado se vê pelos olhos do colonizador e sente vergonha da própria cultura e existência. É o que expressa a fala “Sangue de demônios corre em nossas veias, temos sorte de viver nesses campos de concentração” (Attack on Titan, 2019, ep. 20, 05min29s): o sujeito passa a odiar a si mesmo, a se culpar, a desejar ser como o dominador. Em seguida, o pai de Grisha reproduz os efeitos da colonização ideológica contra si mesmo, internalizando a lógica da própria dominação:

Pai de Grisha: Há 1820 anos atrás, nossa ancestral, Ymir Fritz, fez um acordo com um demônio da terra em troca de poder: o poder do Titã. [...] Eldia era uma grande e antiga nação que destruiu Marley e veio governar nosso continente. [...] Eles roubaram suas terras e posses, eliminando muitas linhagens completamente. [...] A arrogância de Eldia cresceu sem limites, mas o povo da outrora grande nação de Marley começou a conspirar contra eles de dentro. Eles foram capazes de incitar uma guerra civil, enfraquecendo Eldia. [...] O rei Fritz ficou apenas com a ilha de Paradis, onde construiu três muros concêntricos nos quais ele e seu povo se refugiaram. Mas não todos eles [...]

^x Tradução nossa: esse tipo de material didático continua sendo uma poderosa ferramenta por meio da qual o Estado configura formas de percepção, categorização, interpretação e memória que servem para determinar as identidades pessoais e nacionais.

o rei nos abandonou e nos deixou para trás neste continente. [...] o povo tolerante de Marley nos mostrou misericórdia. Eles nos deram terras nas quais poderíamos viver.

Diário de Grisha: meu pai era falante para alguém que tinha acabado de perder sua filha. Ele estava ali, como um cachorrinho adestrado, obedecendo todos os comandos do dono enquanto menospreza seus ancestrais... (*Attack on Titan*, 2019, ep. 20, 03min49s)

Ao decorrer da diegese, percebe-se que, na verdade, Marley utilizava a transformação de eldianos em Titãs irracionais como instrumento de punição, controle étnico e estratégia militar. Eldianos considerados traidores, opositores políticos ou simplesmente indesejáveis ao regime eram condenados à uma metamorfose irreversível através de experimentos químicos. Após a transformá-los em bestas irracionais, esses indivíduos eram lançados nas bordas da Ilha de Paradis, servindo como uma barreira biológica (o corpo-máquina) contra os eldianos confinados dentro das muralhas da ilha de Paradis.

Esse mecanismo de confinamento e controle, representado pelos titãs e muralhas, encontra correspondência direta na realidade palestina contemporânea. Segundo levantamento do Escritório das Nações Unidas para a Coordenação de Assuntos Humanitários (OCHA, 2025), a Cisjordânia contava, em dezembro de 2025, com 925 obstáculos de movimento que restringem a circulação de 3,4 milhões de palestinos, incluindo os moradores de Jerusalém Oriental. Esse total representa um aumento de 43% em relação à média anual da última vintena. A esse cinturão de obstáculos soma-se o Muro da Cisjordânia, com 712 quilômetros de extensão, apontado pela própria OCHA como o maior obstáculo isolado à mobilidade palestina.

Assim como o muro que isola o gueto de Liberio na diegese de AOT, essa arquitetura de controle territorial não é incidental, mas estrutural. Ela não apenas impede o deslocamento físico, mas fragmenta o tecido social e político do povo palestino, subordinando a mobilidade à autorização discricionária do Estado ocupante. Esse contexto revela o mesmo mecanismo de “barreira biológica” que Mbembe (2011,

p. 143) identifica quando afirma que o corpo colonizado “não esconde apenas uma arma. Ele é transformado em arma, não em sentido metafórico, mas no sentido verdadeiramente balístico”.

Junto a isso, do mesmo modo que a nação de Marley disciplina seus cidadãos pelo medo, pela culpa histórica e pela doutrinação escolar, o sistema educacional israelense constrói representações que naturalizam a exclusão e a desumanização do povo palestino, legitimando simbolicamente as práticas de controle e violência. Essa pedagogia da alteridade não se limita ao espaço escolar: projeta-se também na legitimação internacional das políticas de ocupação, ao naturalizar, aos olhos de quem observa de fora, a assimetria entre colonizador e colonizado. Assim como o Pai de Grisha internaliza e reproduz a lógica que o oprime, tornando-se sujeito e instrumento da mesma estrutura de poder, *Attack on Titan* revela, pela alegoria entre eldianos e marleyanos, como educar para o ódio e a desumanização do outro constitui uma tecnologia de poder essencial à perpetuação da violência de Estado.

Em convergência com essa realidade, primeiro os corpos são culpabilizados pelos próprios ataques estatais que os transformam em descartáveis e, em seguida, convertidos em objetos despersonalizados, cuja existência insubstancial não é considerada digna de empatia (Sisnando; Silva, 2023). O racismo contra os eldianos na ficção e a arabofobia no plano fático não são apenas mecanismos de repressão, mas dispositivos de poder-saber que sustentam estruturas de dominação (Araújo; Freitas, 2015). A banalidade do mal no conflito Israel-Palestina não se dá apenas na brutalidade explícita, mas na normalização da violência estrutural e na automatização dos mecanismos de opressão.

Dados institucionais do UNICEF (2026) registram diariamente dezenas de mortes de crianças palestinas por fogo direto ou estilhaços em Gaza. Entre os casos, crianças mortas enquanto buscam ajuda humanitária, ou mesmo, durante o simples ato de brincar com pipas (Al Jazeera, 2026). Situações que ocorreram, inclusive, sob um cessar-fogo formalmente em vigor. Essa violência tem se normalizado e

institucionalizado, sobretudo quando as próprias autoridades do Estado israelense a estimulam publicamente.

Em agosto de 2026, o ministro da Segurança Nacional de Israel, Itamar Ben-Gvir, declarou publicamente que o país deveria realizar assassinatos seletivos diários em Gaza, afirmando que os palestinos sequer deveriam ser considerados pessoas: *"I think targeted assassinations should be carried out in Gaza, taking down 30 to 40 every night. Not just those who pose an immediate threat; here are people there who are not worthy of life. They shouldn't live. They're not even people"*^{xi} (CBS News, 2026).

Essa é a advertência de Hannah Arendt (1983): o mal extremo nem sempre é praticado por monstros irracionais como os titãs, mas por pessoas que simplesmente "cumprem ordens" (aparentemente legais) dentro de um sistema que suspende a crítica moral. Essa lógica se estende aos ataques aéreos sobre Gaza, justificados como operações "cirúrgicas" contra alvos do Hamas, mas que resultam frequentemente na morte de civis, inclusive de mulheres e crianças em filas de ajuda humanitária (Bento, 2017). A retórica tecnocrática de "danos colaterais" e "escudos humanos" dissocia o ato de matar de sua consequência concreta, tornando o horror administrável e permitindo que a violência se insira no cotidiano institucional sem escândalo. Utiliza-se a ideia de combater o mal para preservar o bem.

Essa dicotomia do bem contra o mal é também construída por um panorama ficcional alimentado por bases religiosas, que transfere a ideia de um Israel indefeso ameaçado por gigantes cruéis e irracionais. Os factoides sionistas incluem dizer que as histórias "associadas a 1948 são que Israel seria um Davi lutando contra um Golias árabe, e que após a guerra Israel teria estendido a mão em sinal de paz, mas os palestinos e o mundo árabe como um todo rejeitaram o gesto" (Pappé, 2022, p. 81). Nesse ponto, a diegese de AOT torna-se elemento central da análise do discurso judaico-sionista que legitima políticas de controle extremo e assassinatos seletivos em detrimento da cultura árabe-muçulmana.

^{xi} Tradução nossa: Acho que deveriam ser realizados assassinatos seletivos em Gaza, eliminando entre 30 e 40 pessoas a cada noite. Não apenas quem representa uma ameaça imediata; há pessoas lá que não merecem viver. Não deveriam viver. Nem sequer são pessoas.

A DESCENDÊNCIA DE YMIR E “OS DEMÔNIOS DE PARADIS”: DA RESISTÊNCIA AO “TERRORISMO”

Se o fascismo e o racismo, discutidos nas seções anteriores, fornecem o aparato institucional e simbólico do Necrobiopoder, o terceiro pilar analítico proposto por esta pesquisa (o fundamentalismo religioso) fornece sua justificação última. É a sacralização do território e da própria identidade nacional, já anunciada no “Culto às Muralhas”, que transforma a violência de política contingente em mandato quase divino. Essa ideologia torna toda decisão estatal indiscutível e blindado contra a crítica ética. Principalmente porque a descendência dos eldianos (vinculada a Ymir^{XII}) carregava estigmas construídos pelo discurso marleyano, que os responsabilizava por décadas de opressão e violência contra o restante da humanidade.

Grisha: Então qual é a verdade sobre nossa fundadora Ymir?

Kruger: A realidade é que nesse mundo não existe uma verdade. Qualquer um pode se tornar um Deus ou um Diabo. Só precisa que alguém diga que essa é a verdade (*Attack on Titan*, 2019, ep. 21, 08min07s).

Grisha – assim como Kruger, personagem do diálogo acima – fazia parte dos “Restauracionistas de Eldia”. Esse era um grupo clandestino de resistência formado por eldianos que viviam sob o domínio de Marley e se opunham à narrativa oficial que demonizava sua origem. O objetivo dos Restauracionista era reverter o processo de apagamento histórico e desmascarar a propaganda que atribuía aos eldianos uma natureza demoníaca.

Kruger: O Rei dentro das muralhas roubou as memórias do seu povo e os fez pensar que a humanidade fora das muralhas pereceu. Está cercado do seu povo, pregando que lá é um paraíso. Um rei que não protege o seu povo deixa de ser rei (*Attack on Titan*, 2019, ep. 21, 06min14s).

Para entender a aproximação da diegese com o conflito real, é necessário a contextualização de que, muito antes do paradigma israelense-palestino atual, a figura dos árabes e a “descendência de Ismael” já era simbolicamente situada em lugar de alteridade nas narrativas eurocristã-judaicas. O fundamentalismo judaico construiu uma hierarquização genealógica e teológica essencialmente racista, na qual a promessa e a centralidade espiritual recaem sobre um grupo eleito, enquanto os demais são projetados para uma condição periférica ou conflitiva (Araújo; Freitas, 2025).

^{XII} Ymir foi a primeira pessoa a receber e portar o poder de titã (Titã Fundador). Sua história foi tradicionalmente distorcida por Marley, através de estigmas intrinsecamente religiosos que relatava o poder dos titãs como uma maldição, algo demoníaco e impuros.

Essa estrutura simbólica institui um imaginário político e cultural duradouro em que o “outro” é associado à exterioridade, à ameaça ou à marginalidade. Essa subalternização que antecede em séculos as disputas territoriais modernas, é reafirmada posteriormente nos discursos coloniais, sionistas e geopolíticos contemporâneos. Por isso, Santos (2003) observa que o apagamento da memória coletiva e a reescritura da história constituem mecanismos centrais do processo colonizador, pois facilitam a construção de narrativas hegemônicas em que o colonizador impõe suas próprias categorias de “deus” e “diabo”.

Dispositivo análogo pode ser observado no projeto expansionista do sionismo na Palestina, que define quem são as vítimas de perseguição ancestral e quem são os “vilões terroristas”. A fala de Kruger – “um rei que não protege o seu povo deixa de ser rei” – ecoa, no plano real, as motivações por trás da fundação do Hamas e de sua cisão política com a Organização para a Libertação da Palestina (OLP). Isso porque, parte da literatura argumenta que esta última agia muito mais em interesse da comunidade internacional do que dos palestinos. Por isso, o Hamas teria representado, pelo menos em primeiro plano, a autodeterminação do povo palestino (Khalidi, 2022).

Além disso, surge uma nova controvérsia na diegese. A revelação da origem de Ymir inverte a lógica heroica e religiosa que sustentava tanto a mitologia eldiana quanto a propaganda marleyana^{XIII}. Revela-se que o poder dos titãs nasce da violência e da opressão, não da glória divina. Assim, a dicotomia de humanos contra titãs é rompida por um novo paradigma: eldianos contra marleyanos, ou seja, humanos contra humanos. Esse cenário é refletido na fala de Eren ao ver o mar pela primeira vez:

Do outro lado da muralha tinha o mar. Do outro lado do mar, está a liberdade. Era nisso que eu sempre acreditei. Mas eu estava errado. O que tem do outro lado do mar são inimigos. [...] Se matarmos todos os inimigos que têm do outro lado, nós seremos livres? (*Attack on Titan*, 2019, ep. 22, 21min27s)

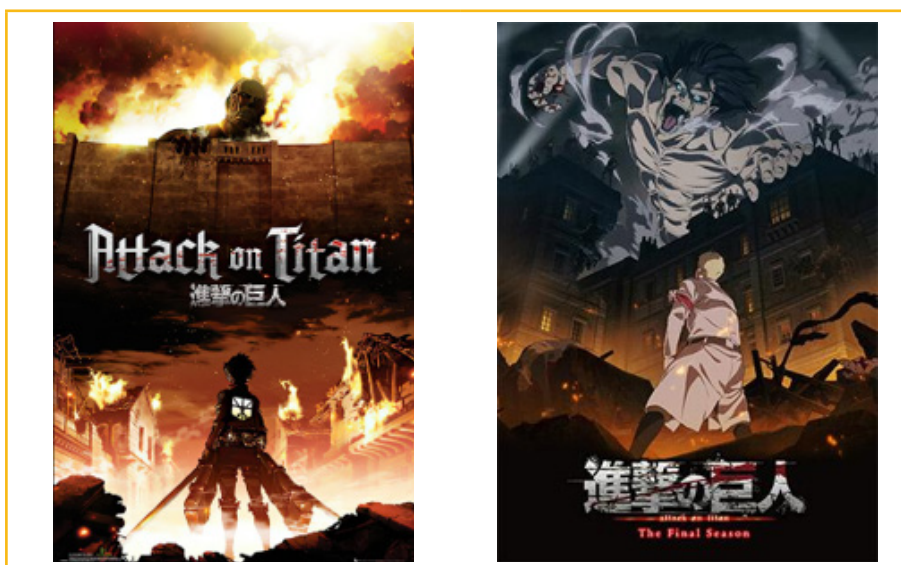
A partir daí, a trama passa a orbitar a reprodução cíclica do ódio e da política de extermínio, sustentada por discursos de autopreservação nos quais cada povo

^{XIII} Ymir Fritz adquiriu o poder dos Titãs ainda muito jovem após entrar em contato com uma entidade misteriosa, enquanto era perseguida por tropas inimigas. Contudo, o poder que poderia representar uma forma de emancipação foi imediatamente apropriado pelo rei Fritz, que submeteu Ymir à escravidão e instrumentalizou sua capacidade de transformação como arma de conquista e dominação. Sua força, portanto, deixou de pertencer à própria Ymir e passou a servir aos interesses do poder eldiano, inaugurando uma relação entre poder, violência e subjugação que seria perpetuada por gerações.

reivindica para si o lugar de vítima em legítima defesa. Contudo, é evidente que a retórica de defesa só se justifica moralmente mediante a presunção contínua de uma ameaça. Fanon (1968) já advertia que a contra-violência dos colonizados, resposta legítima à violência estrutural do colonialismo, não pode ser desproporcional sob pena de degenerar. Mas quem define os limites da proporcionalidade? Instaurar uma estrutura política em que o conflito se perpetua como inevitável, e a violência se apresenta como fundamento e não como exceção, significa perpetuar o necrobiopoder e seus métodos de manter zonas de guerra ou de abandono.

Essa mudança de paradigma é evidente no pensamento de Armin: "Agora somos criminosos! Os inimigos que estamos lutando... não estamos matando porque querem nos comer. É porque nossos pontos de vista são diferentes... Não, só o grupo que eles pertencem!" (*Attack on Titan*, 2019, ep. 2, 17min31s). Quando a violência ultrapassa os limites da proteção e se transforma em ataque deliberado contra civis, ela deixa de ser resposta ao opressor e passa a reproduzir os mesmos mecanismos de dominação antes condenados. Por isso, há uma inversão simbolizada pela comparação entre os pôsteres da primeira e da quarta temporada, nos quais se invertem as posições de Eren e Reiner:

Figura 2 – A inversão de perspectivas



Fonte: *Attack on Titan*. Wit Studio, 2013 (à esquerda); MAPPA, 2020 (à direita)

Na primeira temporada, Eren (à esquerda) e os habitantes de Paradis são apresentados predominantemente sob a perspectiva daqueles que sofrem a ameaça dos Titãs e o ataque repentino do Titã Colossal (portado pelo Reiner). Enquanto, na quarta, a narrativa é recontextualizada a partir da perspectiva dos habitantes de Marley que agora também vivenciam a violência do conflito, dessa vez provocado pelo Titã de Ataque (Eren). A composição visual, portanto, sintetiza a transformação da narrativa, na qual as categorias de vítima e agressor deixam de apresentar-se como posições fixas e passam a depender da perspectiva a partir da qual o conflito é observado. Esse momento, portanto, simboliza a transição definitiva de Eren de herói trágico (ou vítima) a agente ativo de destruição, disposto a repetir os ciclos de violência que antes vitimavam seu povo, agora como agressor:

Reiner: Por favor não faça isso, Eren, aqui tem crianças!

Eren: nas muralhas também tinham. (*Attack on Titan*, 2023, ep. 5, 20min20s)

Esse pensamento coloca Eren num caminho extremo, em que o histórico de vitimização do seu povo passa a justificar toda forma de violência como legítima defesa. Assim como Marley utilizava os titãs como arma biopolítica para subjugar outras nações, Eren agora faz o mesmo. Como discernir, então, o uso legítimo da violência? Soares (2024) cita que a legitimidade, nesse contexto de flexibilização ética, relaciona-se diretamente com a motivação, medida por uma moral extremamente individualista. Isso porque, em ambos os casos, a legitimidade da violência é construída a partir da experiência individual e da perspectiva daquele que a pratica, que passa a interpretar a própria ação como uma forma particular de justiça.

Na lógica apresentada por *Attack on Titan*, essa percepção pode ser exemplificada pela analogia da criança que presencia o assassinato de sua mãe; independentemente de eventuais atos praticados anteriormente pela vítima, é compreensível que a criança sinta ódio daquele que a matou e deseje sua morte. Nesse sentido, a experiência individual do sofrimento, portanto, desloca a compreensão da violência do campo de uma justiça objetiva para uma concepção subjetiva, fundada na dor, na memória e no desejo de vingança (lógica trazida pela diegese).

Do mesmo modo, o conflito Israel-Palestina é marcado pela imposição unilateral de interesses que aprofundam a ruptura entre as partes e tornam mais remota a possibilidade de diálogo e cooperação pela paz. Isso porque o conflito carrega a mesma particularidade inquietante da diegese em AOT: a vingança substitutiva movida pela culpa histórica, em que a retaliação recai sobre inocentes. O memoricídio é instrumentalizado para conferir-lhe a posição de uma vítima absoluta que está sempre diante de uma ameaça e precisa contra-atacar para se defender, por isso, seus atos serão presumidamente parte de uma reação. Um diálogo entre Gabi, eldiana criada em Marley, e Kaya, criada dentro das muralhas, ilustra bem essa lógica do ódio cíclico e a violência substitutiva dos conflitos:

Gabi: Milhares de anos atrás, vocês massacraram pessoas de todo o mundo!

Kaya: Milhares de anos atrás?

Gabi: [...] os Eldianos, por milhares de anos, controlaram o mundo e as pessoas usando o poder dos Titãs. Roubaram a cultura de outros povos, forçaram as pessoas a terem filhos que não queriam, mataram um número incontável de pessoas! Para de se fazer de vítima!

Kaya: Mas minha mãe nasceu e foi criada nessa área. Acho que ela não sabia dessas maldades.

Gabi: Por isso... O problema é o tamanho do pecado que seus ancestrais cometeram cem anos atrás!

Kaya: cem anos atrás? Então, que pecado que nós, que estamos vivos agora, cometemos?

Gabi: Há pouco tempo vocês destruíram a minha cidade.

Kaya: Minha mãe foi morta há quatro anos. Esse pecado não é dela!

Gabi: Eu já disse, seus ancestrais mataram pessoas de todo o mundo...

Kaya: Minha mãe não matou ninguém! [...] Por que minha mãe teve que morrer, sofrendo tanto? Me diz, deve ter algum motivo! Por que minha mãe foi comida viva? Por que ela foi morta?! (*Attack on Titan*, 2023, ep. 11, 18min20s)

Fora da ficção, esse mesmo mecanismo de vingança substitutiva encontra eco no discurso do rabino israelense Ronen Shaulov, que, ao lembrar o ataque do Hamas de 7 de outubro de 2023, defendeu publicamente a fome coletiva da população de Gaza:

[...] pessoas que em poucos meses esqueceram o que passamos no 7 de outubro. Toda Gaza e cada criança de Gaza deve morrer de fome! Não aprendemos nada com Amaleque quando deixamos um rastro deles [...] E se dessa vez deixarmos qualquer resquício deles, 7 de outubro vai voltar apenas em um ano diferente. Não tenho misericórdia de quem não teve misericórdia de nossas crianças! Não tenho misericórdia por aqueles que, em alguns anos, vão crescer e não vão ter misericórdia de nós. [...] só um estúpido tem misericórdia de futuros terroristas, mesmo que ainda sejam jovens e estejam famintos. Espero que eles morram de fome! (Bittencourt, 2025).

O discurso de Shaulov ilustra, de forma explícita, a fusão entre fundamentalismo religioso e necrobiopoder que este artigo busca demonstrar: a referência bíblica ao extermínio de Amaleque converte uma política de guerra contemporânea em mandato escatológico. Esse posicionamento retira a crença teológica do campo da deliberação política e do escrutínio ético, exatamente o mecanismo que, na ficção, sustenta o “Culto às Muralhas” e a ideologia do sacrifício total pela vontade divina incógnita irracional.

Dessa forma, o ciclo da Nakba e da chamada “indústria do Holocausto” (Finkelstein, 2001) é impulsionado pela vingança substitutiva: um ódio que não se finda e recai sobre corpos inocentes. Fanon (2008) observa que vivências prolongadas de opressão e violência sistêmica atuam não apenas sobre o corpo, mas sobre a subjetividade. Os indivíduos deixam de ser reconhecidos como sujeitos plenos e passam a ser reduzidos a símbolos do inimigo a ser eliminado. O processo é paradoxal, pois, ao serem demonizados pelo outro, os indivíduos acabam agindo como esses “demônios”, não por questões antropológicas, mas como resultado de uma construção histórica de sofrimento contínuo (Arendt, 2012).

O ódio sofrido, quando não é metabolizado, torna-se ódio devolvido, e a guerra desestrutura a condição ética do sujeito, apagando a diferença entre agressor e agredido. Quando toda forma de vida é reduzida a uma ameaça, o agir ético cede lugar à estratégia de eliminação. Dentro da diegese, um jornalista de Paradis expõe essa preocupação: “Nós temíamos os Titãs, tínhamos ódio, e igualmente desejávamos que desaparecessem desse mundo. As pessoas de todo o mundo não nos veem como

peessoas, nos tinham como monstros perigosos. [...] Aquele inferno não acabará até que sejamos exterminados" (*Attack on Titan*, 2019, ep. 22, 06min24s).

Como tentativa de romper esse ciclo, surge Zeke Yeager, que desenvolve o Plano de Eutanásia Eldiana. Esse plano tinha como objetivo impedir que os eldianos tenham filhos, alterando geneticamente toda a população para que, com o tempo, deixem de nascer (*Attack on Titan*, 2023) – uma proposta de autoextinção pacífica, não de vitória. Eren, contudo, opta pelo caminho oposto: não sacrifica seu povo, mas ativa o poder de milhares de titãs colossais para aniquilar as demais nações, na convicção de que a liberdade absoluta só pode ser conquistada pela eliminação total da ameaça (*Attack on Titan*, 2023). O protagonista cumpre, assim, o ciclo trágico do herói que se torna o próprio monstro que precisava ser vencido; sua morte encerra o ciclo da violência titânica e liberta Ymir da opressão iniciada séculos antes.

Contudo, a cena final de AOT revela que, mesmo sem os titãs, novos conflitos e guerras eclodem, reforçando a tese central da obra. Por fim, a trama demonstra que os conflitos são cíclicos e estruturais, e persistirão enquanto persistirem a intolerância à subjetividade e as lógicas de poder, em um “eterno retorno” ainda que atores e instrumentos mudem (Nietzsche, 2001). A destruição final não é um evento isolado, mas o eco de tudo o que veio antes. Um último lembrete de que o verdadeiro inimigo é o próprio sistema de guerra perpétua por busca de poder e não apenas os monstros que ele cria.

CONCLUSÃO

A análise realizada ao longo desta pesquisa permitiu observar como a ficção e a realidade se entrelaçam na construção de discursos sobre violência, poder e resistência. O paralelo traçado entre *Attack on Titan* e o conflito Israel-Palestina revelou que ambos os contextos compartilham estruturas simbólicas semelhantes, sustentadas por processos de desumanização, necrobiopoder e perpetuação cíclica da violência. Essa desumanização externa, muitas vezes, converte-se em uma autodesumanização ativa,

na qual os sujeitos interiorizam o ódio sofrido e, em resposta, reproduzem a mesma lógica violenta que os feriu. O que começa como defesa ou resistência, gradativamente se transmuta em reatividade brutal, numa espiral regressiva em que o humano é corroído pelo desejo de poder e vingança.

Em ambos os contextos a associação do memoricídio à limpeza étnica emerge como uma prática crucial para legitimação do controle social baseado no racismo, fascismo e fundamentalismo religioso. Dentre esses elementos, a posição de “vítima absoluta” é instrumentalizada para legitimar políticas que resultam na morte e desumanização de um outro povo que é colocado em exílio, separado do resto do mundo por muros que impõe o medo necessário e suficiente para que deixem de desejar a própria liberdade (Pappé, 2022). Assim, a memória do trauma é reatualizada como prova de uma ameaça ontológica, transformando o passado em um dispositivo normativo que captura o presente e bloqueia o futuro. A guerra, nesse sentido, deixa de ser contingente e passa a ser estrutural, pois a identidade política só se sustenta na negação do outro.

Através da lente do Necrobiopoder, percebe-se como essas políticas são métodos de governabilidade de um Estado de exceção e como as estruturas de poder operam não apenas para controlar a vida dos indivíduos, mas também para regular sua morte (Bento, 2018). A partir desse conceito, desenvolve-se a ideia de um Estado-nação necessariamente fundado sobre uma pilha de corpos abjetos. Por isso, essa abordagem crítica reflete que os atos de violência, as narrativas de vitimização e as estratégias de dominação são perpetuadas e legitimadas através da banalidade daquilo que é visto como ameaça tanto no âmbito ficcional quanto no contexto geopolítico real.

Portanto, esse panorama de conflitos entre eldianos-marleyanos e palestinos-israelenses provoca uma reflexão importante: há um fim possível? Quais os caminhos nos levam ao fim desses conflitos? A opção pela destruição total do inimigo configura uma forma extrema de niilismo político, de modo que elimina a pluralidade em favor da homogeneização pelo extermínio (Arendt, 2013). Quando o inimigo é concebido

como ameaça existencial irreduzível, a política se reduz a uma técnica de aniquilação, e a soberania passa a ser exercida exclusivamente sobre a morte. O resultado é uma paz negativa, fundada no silêncio dos mortos e na impossibilidade de legitimação moral da ordem resultante.

Por outro lado, o plano de eutanásia coletiva representa uma racionalização extrema da dominação, pois internaliza a lógica do opressor e a converte em autogoverno da extinção. Foucault (2014) descreve esse fenômeno como o ápice da biopolítica, quando o poder decide sobre a legitimidade da continuidade da vida. Ao aceitar a própria inexistência como solução ética, o grupo subalternizado abdica da condição de sujeito histórico e político, reduzindo-se a um problema demográfico a ser resolvido. Trata-se de uma violência sem espetáculo, porém estrutural, um extermínio automatizado e legítimo que substitui o conflito aberto por uma extinção gradual e consensual que atinge também a desintegração mental do mal que os acomete.

Mas existe um terceiro caminho? Bento (2018) nos ajuda a alcançar uma resposta quando afirma que o encerramento efetivo de guerras multisseculares não ocorre pela vitória definitiva de um lado, mas pela desativação das estruturas simbólicas que transformam o outro em inimigo ontológico. Enquanto a existência de um grupo depender da negação absoluta do outro, a política permanecerá capturada pela lógica do necrobiopoder. Tanto a destruição total quanto a eutanásia coletiva são expressões distintas do mesmo desespero histórico: a incapacidade de imaginar um mundo comum. A paz, aqui, não é entendida como consenso moral absoluto, mas como coexistência tensionada, sustentada por limites normativos à violência e pelo reconhecimento recíproco da humanidade.

Portanto, a principal contribuição desta pesquisa é demonstrar que tanto na ficção quanto na realidade, os discursos de guerra e segurança constroem fronteiras rígidas entre “vidas vivíveis”^{XIV} que são preservadas e protegidas pela morte necessária das vidas consideradas perigosas e descartáveis. Ao recuperar essas aproximações,

^{XIV} A categorização de vidas que, em razão de parâmetros particulares relacionados ao contexto histórico, sociocultural e político, passam a ser consideradas merecedoras da proteção estatal, em detrimento de outras que são problematizadas. Como base nisso, produz uma perspectiva de contraposição binária e dicotômica, na qual, segundo o discurso que a sustenta, determinadas vidas não podem coexistir em um mesmo plano de proteção e reconhecimento.

evidencia-se que a verdadeira ameaça não está apenas nos inimigos externos, mas na lógica estrutural de um sistema (Estado) que necessita da exclusão para se manter. Essas são as Muralhas do Exílio. O exílio aqui se refere a exclusão, separação e expulsão, mas também ao direito fundamental que lhes é negado: o direito pela humanidade.

Assim, *Attack on Titan* emerge não apenas como entretenimento, mas como recurso epistemológico capaz de problematizar discursos geopolíticos e raciais que estruturam o conflito Israel-Palestina: um enredo multissecular marcado por memória traumática, ressentimento histórico e a naturalização da violência como forma de autopreservação. Compreender o conflito factual à luz da diegese ficcional não é apenas um exercício de análise comparativa, mas também uma forma de denunciar os mecanismos simbólicos e materiais que sustentam o ciclo de violência. Por fim, essa discussão aponta para a urgência de uma ruptura paradigmática no conflito que só pode ser alcançada pela superação da intolerância. Contudo, só poderá ser atingida pela afirmação da dignidade e autodeterminação dos povos que são submetidos à estrutura opressora e genocida da colonização.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **Homo sacer**: o poder soberano e a vida nua I. Belo Horizonte: Humanitas-UFMG, 2013.

AL JAZEERA. **Israel kills 3 in Gaza as Netanyahu threatens attacks over kite launches**. 23 ago. 2026. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2026/8/23/israeli-air-strike-near-gaza-refugee-camp-kills-one-person-and-injures-two>. Acesso em: 29 ago. 2026.

ARAÚJO, Kauã José da Silva; FREITAS, Rita de Cássia Souza Tabosa. De Canãa à Auschwitz: Os fundamentos político-religiosos da identidade judaica que invocam a arabofobia como engrenagem do Necrobiopoder no holocausto palestino. In: BIEGING, Patricia; BUSAELLO, Raul Inácio (org.). **Abordagens Teóricas e Práticas em Pesquisa**. São Paulo: Editora Pimenta Cultural, 2025. p. 82-110.

ARENDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém**: um relato sobre a banalidade do mal. Trad. Sonia Orieta Heinrich. São Paulo: Diagrama e Texto, 1983.

ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

ATTACK ON TITAN. Direção: Masashi Koizuka. Produção: **Wit Studio**. Roteiro: Yasuko Kobayashi. 2. temporada. Japão: MBS, 2017. 12 episódios. Anime adaptado do mangá de Hajime Isayama. Disponível em: <https://www.crunchyroll.com>. Acesso em: 23 jul. 2025.

ATTACK ON TITAN. Direção: Masashi Koizuka. Produção: **Wit Studio**. Roteiro: Yasuko Kobayashi. 3. temporada. Japão: NHK, 2019. 22 episódios. Anime adaptado do mangá de Hajime Isayama. Disponível em: <https://www.crunchyroll.com>. Acesso em: 23 jul. 2025.

ATTACK ON TITAN. Direção: Tetsurō Araki. Produção: **Wit Studio**. Roteiro: Yasuko Kobayashi. 1. temporada. Japão: MBS, 2013. 25 episódios. Anime adaptado do mangá de Hajime Isayama. Disponível em: <https://www.crunchyroll.com>. Acesso em: 23 jul. 2025.

ATTACK ON TITAN: THE FINAL SEASON. Direção: Yuichiro Hayashi. Produção: **MAPPA**. Roteiro: Hiroshi Seko. 4. temporada. Japão: NHK, 2020-2023. 28 episódios + 3 especiais finais. Anime adaptado do mangá de Hajime Isayama. Disponível em: <https://www.crunchyroll.com>. Acesso em: 23 jul. 2025.

AYOUB, Eliana. Por Uma Escrita Acadêmico-Poética. **Linha Mestra**, ano VIII, n. 24, p. 1099-1102, 2014. Disponível em: https://linhamestra24.wordpress.com/wp-content/uploads/2014/07/linha_mestra_24_19_cole_04_comunicacoes_dimitri_fabiana.pdf. Acesso em: 25 ago. 2026.

BALDESSIN, M. G. S. **A ficção científica como derivação da utopia: a inteligência artificial**. 2006. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 2006. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/270241>. Acesso em: 6 mai. 2021.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BENTO, Berenice. Ilan Pappé: história e verdade. **Contemporânea**, v. 7, n. 2, p. 523-528, 2017. Disponível em: <https://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/589>. Acesso em: 25 ago. 2026.

BENTO, Berenice. Necrobiopoder: Quem pode habitar o Estado-nação?. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 53, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/MjN8GzVSCpWtxn7kypK3PVJ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 6 mai. 2024.

BITTENCOURT, Julinho. **Rabino israelense afirma que todas as crianças de Gaza devem morrer de fome**. Revista Fórum, 02 ago. 2025. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/global/2025/8/2/rabino-israelense-afirma-que-todas-as-crianas-de-gaza-devem-morrer-de-fome-184559.html>. Acesso em: 02 ago. 2025.

CBS NEWS. **Senior Israeli official calls for killing of “30 to 40” people in Gaza every night: “They’re not even people”**. CBS News, Nova York, 17 ago. 2026. Disponível em: <https://www.cbsnews.com/news/israel-ben-gvir-gaza-netanyahu-kill-every-night/>. Acesso em: 29 ago. 2026.

COUTINHO, Kesley Gabriel Bezerra; NASCIMENTO, Márcio Alessandro Neman do. Entre muros e titãs: análise das relações hierárquicas e de poder no mangá/animê shingeki no kyojin. **Revista Ñanduty**, v. 7, n. 10, p. 192-216, 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.30612/nty.v7i10.10307>. Acesso em: 6 mai. 2024.

DUNKER, Christian. Linguagem fraturada, mundo dividido: Gershon Baskin mostra que não haverá paz no Oriente Médio sem a construção de uma cultura compartilhada entre israelenses e palestinos. **Folha de S.Paulo**, 01 jul. 2021.

ELMASRY, Mohamad. Como a mídia **ocidental favorece Israel no Instagram**. **Cooperação Internacional**, 12 dez. 2024. Disponível em: <https://fpabramo.org.br/cooperacao-internacional/como-a-midia-ocidental-favorece-israel-no-instagram/>. Acesso em: 02 fev. 2025.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Trad. Renato da Silveira. 9. ed. Salvador: EDUFBA, 2008.

FINKELSTEIN, Norman G. **A indústria do Holocausto**: reflexões sobre a exploração do sofrimento judeu. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Trad. Raquel Ramalhete. 41. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GUIMARÃES, Nadaja. **O trágico e o cômico nos mangás shounen e seinen**. 2018. 82 f. TCC (Graduação) – Curso de Licenciatura em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/182749>. Acesso em: 25 ago. 2026.

ISAYAMA, Hajime. **Attack on Titan**. New York: Kodansha Comics, Chapter 2, 2012.

KHALIDI, Rashid. **Palestina - Uma Biografia**: Cem anos de guerra e resistência. Portugal: Ideias de Ler, 2022.

LINKED HORIZON. **Shinzou wo Sasageyo!**. [S.l.]: Pony Canyon, 2017. 1 faixa sonora (4 min 38 s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=8OkpRK2_gVs. Acesso em: 02 jul. 2025.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da Metodologia Científica**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MARSALHA, Nur. **Expulsão dos Palestinos**: O conceito de “transferência” no pensamento político sionista - 1882-1948. Trad. Leo Misleh. 1 ed. São Paulo: Sudderman, 2021.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**: seguido de sobre el governo privado indirecto. Santa Cruz de Tenerife: Melusina, 2011.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**: um livro para todos e para ninguém. Trad. Mário da Silva. 2. ed. São Paulo: Martin Claret, 2001.

OCHA – UNITED NATIONS OFFICE FOR THE COORDINATION OF HUMANITARIAN AFFAIRS. **Fact Sheet: Movement and Access in the West Bank, December 2025**. Jerusalém: OCHA oPt, 2025. Disponível em: <https://www.unocha.org/publications/report/occupied-palestinian-territory/fact-sheet-movement-and-access-west-bank-april-2026>. Acesso em: 13 ago. 2026.

PAPPÉ, Ilan. **Dez Mitos Sobre Israel**. Trad. Bruno Cobalchini Mattos. Rio de Janeiro: Editora Tabla, 2022.

PELED-ELHANAN, Nurit. **Ideologia e propaganda na educação**: A Palestina nos livros didáticos israelenses. São Paulo: EdUNIFESP-Boitempo, 2018.

SAID, Edward W. **Orientalismo**: o Oriente como invenção do Ocidente. Trad.: Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A crítica da razão indolente**: contra o desperdício da experiência. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

SISNANDO, Alessandra U.; SILVA, Sinara R. S. P. Muralhas Brasil-Paradisianas: Aspectos Da Necropolítica Na Relação Do Brasil Com Attack On Titan. **Revista Cadernos de Ciências Sociais**, v. 1, n. 21, p. 71-90, 2023. Disponível em: <https://journals.ufrpe.br/index.php/cadernosdecienciasociais/article/view/6446>. Acesso em: 10 jun. 2025.

SOARES, Gabrielle Valeri. Justiça E Vingança: O Que Pensar Do Conflito Israel-Palestina?. **Revista Foco**, Curitiba, v. 17, n. 1, p. 1-14, 2024. Disponível em: <https://ojs.focopublicacoes.com.br/foco/article/view/4051>. Acesso em: 01 jul. 2025.

UNICEF. **Four children killed as separate attacks destroy humanitarian supplies and damage critical water infrastructure in Gaza**. 28 ago. 2026. Disponível em: <https://www.unicef.org/press-releases/four-children-killed-separate-attacks-destroy-humanitarian-supplies-and-damage>. Acesso em: 29 ago. 2026.

VICICONTO, Jorge Omar. Muros, dominación y resistencia. La autodeterminación de los pueblos en Palestina y al-Masriq. **Claroscuro**, n. 21, v. 1, p. 1-26, 2021. DOI: <https://doi.org/10.35305/cl.vi20.12>. Disponível em: <https://claroscuro.unr.edu.ar/index.php/revista/article/view/12>. Acesso em: 24 ago. 2026.

ZANELLA, Liane Carly Hermes. **Metodologia de Pesquisa**. 2. ed. Florianópolis: Departamento de Ciências da Administração/UFSC, 2013.

Autoria

1 Kauã José da Silva Araújo

Pesquisador Bolsista da FACEPE; integrante do grupo de pesquisa G-PENSE; Graduando em Direito

<https://orcid.org/0009-0002-0655-2220> • kaua.araujo@upe.br

2 Rita de Cássia Souza Tabosa Freitas

Graduada em Direito pela Faculdade de Direito de Caruaru; Mestrado em Filosofia pela Universidade Federal da Paraíba; Doutorado em Filosofia pela Universidade Federal da Paraíba; Professora

<https://orcid.org/0000-0002-2135-1462> • rita.freitas@upe.br

Como citar este artigo

ARAÚJO, K. J. S.; FREITAS, R. C. S. T. Muralhas do exílio: uma análise comparativa entre o anime Attack on Titan e o conflito Israel-Palestina sob as lentes do necrobiopoder. **InterAção**, Santa Maria, v. 17, n. 2, e95981, p. 1-34, 2026. DOI 10.5902/1980509895981. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.5902/2357797595981>. Acesso em: dia mês abreviado. ano.